

## **O HOMEM PANTANEIRO SUL-MATO-GROSSENSE: SUA VIDA E SUA HISTÓRIA**

Debora Fittipaldi Gonçalves

Fabiane de Araújo Bernart

Sabrina Gisele Zardin

### **Resumo**

Este trabalho avalia as reais conseqüências que o turismo pode trazer à vida do pantaneiro, já que essa atividade tem sido considerada por muitos, como extremamente promissora e compatível com a sobrevivência desse ambiente único que é o Pantanal, promovendo o resgate da cultura pantaneira, não só por meio do seu registro, como também da apresentação de sugestões para que essa cultura possa ser respeitada e preservada. É apresentado o resultado de um estudo sobre as características, os hábitos, os costumes, a cultura do peão pantaneiro sul-mato-grossense, nas sub-regiões de Aquidauana e Miranda. Esse estudo foi realizado através de pesquisa de campo, dividida entre visitas e entrevistas, e pela leitura de bibliografia especializada sobre o assunto. Nesta relação atividade turística x peão pantaneiro há que se refletir sempre e, a cada dia mais, sobre a importância da presença de um profissional da área de turismo para que seja garantida – cada vez que se pensar em utilizar dessa área para investimentos econômicos – a orientação segura de um planejamento que resulte, não apenas na satisfação do investidor em potencial, como também – e acima de tudo – em profundo respeito à rica natureza do Pantanal e à cultura do povo que nele vive.

**Palavras-chave:** 1. homem pantaneiro, 2. cultura, 3. turismo

### **Abstract**

The work in hand evaluates the real consequences that tourism can bring to the life of Pantanal dwellers, as this activity is being considered by many as very promising and compatible with the survival of this unique environment which is the Pantanal, promoting the retrieval of the Pantanal culture, not only by means of registering it but also the

presentation of suggestions so that this culture can be respected and preserved. Here, the result of a study is presented on the characteristics, habits, customs, the culture of the South Mato Grosso Pantanal farm worker, divided into visits and interviews, and through the reading of a specialised bibliography on the subject. In this relationship, tourist activity x the Pantanal farm worker, there is much to be reflected upon always and guaranteed – each time that anyone thinks of using this area for economic investments – careful orientation and planning that result, not only in the satisfaction of the investor in the potential, but also – and above all – a profound respect for nature in the Pantanal and for the culture of the people that live there.

**Key words:** 1. Pantanal dweller, 2. culture, 3. tourism.

## **Introdução**

O Pantanal é uma região que ainda não sofreu os efeitos das ações predatórias do homem de forma comprometedora. É, sem dúvida, uma das mais importantes reservas ecológicas da Terra, possuindo um ecossistema único. As distâncias e o difícil acesso às fazendas fizeram com que o homem que nele vive, se acostumassem ao isolamento e à solidão.

Quando se pensa no homem pantaneiro descrito na literatura, música e poesia regional, percebe-se que, entre o antigo e o atual, existe uma linha tênue, mas que os separa e os diferencia; por isso, o interesse no desenvolvimento da pesquisa que deu origem à monografia.

## **O Pantanal e o pantaneiro**

O Pantanal é a maior planície sedimentar inundável do continente americano e a mais extensa superfície úmida do Planeta, com aproximadamente 140 mil quilômetros quadrados, abrangendo os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo que 2/3 estão localizados na bacia hidrográfica do Rio Paraguai (MACHADO et al., 1990).

A maior parte do Pantanal encontra-se em território brasileiro e apenas 20% ocupam terras bolivianas e paraguaias.

Por homem pantaneiro, entenda-se aqui o indivíduo natural do Pantanal ou aquele que, mesmo não tendo nascido ali, assimilou

a vivência desse nativo, compartilhando dos hábitos e dos costumes típicos da região.

O Pantanal e o pantaneiro se completam, se interagem, um precisa do outro para sobreviver. Só o verdadeiro peão, que conhece e desbrava todos os dias o Pantanal, é conhecedor da natureza local: ele sabe tudo daquele lugar, ele tem suas particularidades, desde a sua crença e vida, é ele quem decifra o Pantanal.

O homem pantaneiro, historicamente, teve seu surgimento ligado a diversas influências tais como: bandeirantes, nordestinos, mesclados ou não com negros e com indígenas das antigas tribos locais. Também exerceu sua influência os paraguaios e bolivianos, que adentraram o território brasileiro em busca de trabalho. Toda essa influência de etnias, usos e costumes legou ao pantaneiro modos de vida que foram se modificando ao longo dos anos (FINOCCHIO, 1998).

O verdadeiro peão seja ele mestiço, bugre, paraguaio ou descendente, é quem conduz a boiada, faz parte do rodeio, lida seu laço, enfim, sabe realizar suas atividades como ninguém.

É costume do vaqueiro dormir cedo e acordar ainda pela madrugada. Sua primeira refeição é o “quebra-torto”, arroz com carne seca e café com leite; de três a quatro vezes ao dia, em horários pré-estabelecidos ele interrompe seu trabalho para tomar o seu tereré.

Um outro hábito do peão pantaneiro é o de observar a fauna e a flora para descobrir as mudanças de comportamento do tempo, e ainda os corpos celestes para buscar indícios de chuva, enchentes ou estios prolongados. Tudo isso representa um pouco de sua sabedoria empírica, ditada pelo convívio com um ambiente propício a qualquer tipo de aventura.

A medicina caseira sempre fez o homem pantaneiro cuidar de todos os seus males. Para tudo ele tem um remédio, extraído da própria natureza.

Assim como o empresário possui suas vestimentas formais para o trabalho no escritório, o peão, forjado na lida diária de sol a sol, só se considera completo quando passa a exhibir alguns ícones do homem pantaneiro, como as botinas com esporas, que servem para montar o animal e dominá-lo; a guaiaca, cinturão que abriga a faca e o revólver às costas; a chaira, instrumento usado para afiar ou manter o fio da

faca; o chapéu de carandá que serve para a proteção do sol; o tirador, couro em forma de saia para proteger a cintura na lida com o laço, hoje substituído pela calça de couro; o piraim, tira de couro longa que estala na condução da boiada; a guacha, chicote para acelerar o animal e o berrante, instrumento feito de chifre de boi que, ao ser assoprado, emite som característico e é o principal instrumento de trabalho na hora de conduzir o rebanho, do qual cada toque tem um significado diferente.

O vaqueiro tem sua própria linguagem, seu sotaque e preserva muito um “dedo de prosa”; ele é observador e atento. Cada região do Pantanal tem suas peculiaridades, e o vaqueiro é a essência do Pantanal.

### **A influência do turismo na cultura do homem pantaneiro**

A globalização tem hoje uma forte influência sobre o homem; o fácil acesso à informação leva-o a descobrir lugares como o Pantanal. A procura pelo turismo rural cresce a cada dia, e os donos de fazendas investem em suas propriedades modificando-lhes o comportamento e o ritmo de vida. Os peões continuam suas atividades na presença de pessoas estranhas que querem conhecer seu trabalho.

A curiosidade de conhecer a rotina do homem do Pantanal aumenta cada vez mais o interesse das pessoas que viajam com o intuito de viver culturas diferentes e ter contato com a natureza. Quando um turista decide visitar essa região, seu interesse maior é o de encontrar lá o que ele não conhece, e caso isso não aconteça, ele volta para casa decepcionado.

A comercialização da cultura tornou-se, hoje, um dos pontos mais fortes para o turismo no Brasil. No caso do Pantanal, há que se cuidar para não invadir a cultura regional ou modificar determinados aspectos da mesma, pois segundo Nogueira (1990):

O sistema cultural pantaneiro, após o momento de formação e de consolidação de seus aspectos básicos, tende, atualmente, a iniciar a caminhada para a descaracterização, devido à interferência de fenômenos os mais diversos, dentre eles, o inter-relacionamento com elementos de culturas diferentes e a assimilação de comportamentos até então alheios ao grupo.

O crescimento da prática do turismo sem o correto planejamento está aumentando cada vez mais o impacto e a degradação do ambiente

do pantanal; como consequência, tem-se uma paisagem desagradável prejudicando o ecossistema e a caracterização da cultura do peão, uma vez que cada turista leva para essa região a sua cultura e os seus conhecimentos. Isso é importante é claro, mas não se pode deixar de lado a cultura local já existente; o que tem que ocorrer é a “troca” de conhecimentos entre o peão e o turista, mas cada um valorizando a si mesmo, para não perder sua identidade.

Pode-se dizer que a implantação dessa forma de turismo é uma saída viável para a região do Pantanal, pois ela gera lucros e procura preservar a cultura pantaneira; no entanto a maioria dos fazendeiros e os próprios peões precisam perceber que sem eles próprios e a sua cultura, nada poderia existir ali.

## **Conclusão**

Não resta dúvida de que o turismo é o setor da economia que mais cresce e o turismo rural e cultural são um ponto forte na região do Pantanal; porém, não se pode deixar que o peão sofra uma aculturação por causa da globalização que está interligada a esse fenômeno, fazendo com que ele perca sua identidade.

Para toda e qualquer forma de exploração turística dentro do Pantanal sugere-se que seja feito, antes, um planejamento adequado, elaborado por um profissional da área, promovendo a conscientização, tanto do peão quanto do patrão a respeito da importância da cultura pantaneira. Propõe-se ainda a criação de um acervo, dentro de cada fazenda, com as indumentárias, os instrumentos de trabalho e os pertences desse homem que representa a força do Pantanal, além das histórias e lendas.

## **Bibliografia**

- BARROS, Abílio de. *Gente pantaneira*. Campo Grande : [s.e.], 1998.
- DANTON, Gian. *Manual de redação científica*. São Paulo : Virtual Books Online, 2000.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo : Futura, 1998.

EMBRAPA. *O pantanal e o pantaneiro*. Corumbá : CPAP, junho de 1990.

\_\_\_\_\_. *Pantanal*. Corumbá : CPAP, 1990.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas de estudos ecológicos sobre o pantanal*. Corumbá : CPAP, 1996.

FINOCCHIO, Ana Lúcia Ferro. *O processo de constituição da identidade: as apreensões e mediações sociais e o ato educativo*. Um estudo do Paiaguás no pantanal mato-grossense. Campo Grande, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed., São Paulo : Atlas, 1991.

MACIEL FILHO, Luiz. Os peões do paraíso. *Revista Os Caminhos da Terra*, ano 5, n. 12, edição 56, p. 10-16, dezembro de 1996.

MOLETTA, Vânia Florentino. *Turismo rural*. Porto Alegre : SEBRAE/RS, 1999. Série Desenvolvendo o Turismo, Vol.6.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *O que é pantanal*. São Paulo : Brasiliense, 1990. Coleção Primeiros Passos.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. São Paulo: Papyrus, 1997.

PROENÇA, Augusto César. *Gente, tradição e história*. [S.l.] : Morena, 1992.

ROSAS JUNIOR, Anacleto. *Cavalo preto*. [S.l.] : BMG Ariola, 1994. CD.

SADOVSKI, Roberto. O delicado equilíbrio do pantanal. *Revista Os Caminhos da Terra*, ano 6, n. 9, edição 65, p. 52-71, setembro de 1997.

SATER, Almir; SIMÕES, Paulo. *Comitiva esperança*. [S.l.] : BMG Ariola, 1994. CD.

SIGRIST, Marlei. *Chão batido, a cultura popular de Mato Grosso do Sul*. Folclore – tradição. Campo Grande-MS : UFMS, 2000.

TROPIA, Fátima. *Turismo no meio rural*. Belo Horizonte : Autêntica, 1998.

VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. 4. ed. Porto Alegre : Globo, 1978.